

Prudência nas previsões eleitorais

Gláucio Ary Dillon Soares *

As pesquisas eleitorais, se bem feitas, são um importante instrumento para o conhecimento do comportamento político. Porém, se mal feitas ou mal interpretadas, podem ser um instrumento de desinformação, que conduz a erros.

Pesquisas recentes nos dizem que Roriz será eleito com ampla maioria e que Fernando Henrique Cardoso será reeleito. É preciso saber ler os resultados de uma pesquisa. Nas pesquisas eleitorais a opinião que interessa é a dos eleitores. É possível ganhar entre a população e perder entre os eleitores e vice-versa. Ronald Reagan, eleito duas vezes presidente dos Estados Unidos, em uma das eleições perdeu na população americana mas ganhou no eleitorado. Muitos dos americanos que não gostavam de Reagan eram pobres ou negros, com uma taxa de abstenção eleitoral muito alta. Não gostaram de Reagan, mas não votaram. Resultado: Reagan foi eleito. Assim, uma pesquisa eleitoral deveria ser feita a partir das listas dos eleitores inscritos para votar.

A amostragem conta, e muito. Muitos institutos de opinião usam um sistema de seleção dos entrevistadores por cotas, que foi muito aperfeiçoado nas últimas décadas. Porém, o sistema de cotas tem dois problemas sérios: o primeiro é que a amostra não é probabilística. O sistema pode facilmente sobre-representar alguns tipos de pessoas e sub-representar outros.

Segundo, há fraude em pesquisas de opinião. Essa fraude pode ser extensa entre os entrevistadores. Os dois tipos principais de fraudes são: não realizar a entrevista, preenchendo o questionário em casa, e obter somente as informações mais genéricas, como o nome e o endereço do entrevistado, preenchendo o resto do questionário em casa. O controle da fraude requer supervisão minuciosa, sendo que uma percentagem das entrevistas feitas por cada entrevistador deve ser contactada para verificar se a entrevista foi realmente feita. Para prevenir o segundo tipo de fraude, algumas entrevistas de cada entrevistador devem ser totalmente refeitas e os resultados comparados.

O simples conhecimento, por parte dos entrevistadores, de que este controle existe reduz dramaticamente a taxa de fraude. Porém, esse controle é muito difícil nas pesquisas com base em cotas de rua devido à dificuldade em localizar o entrevistado para uma segunda entrevista. Não obstante, as pesquisas por cotas feitas na rua são muito usadas e continuarão a ser muito usadas porque são muito mais baratas do que as domiciliares.

Há duas oportunidades para captar erro de pesquisas

eleitorais: uma, fundamental, contrasta o resultado das pesquisas e o resultado das eleições. Mesmo as pesquisas bem feitas, com verificação, só são válidas para aquele momento e são pesquisas de opinião, ao passo que as eleições são uma forma de comportamento sujeita a erros que as pesquisas de opinião não captam.

Os erros aumentam com a complexidade da cédula eleitoral e são mais frequentes entre os eleitores que nunca votaram antes e entre os menos instruídos. Os candidatos e partidos apoiados pelos eleitores mais recentes ou pelos eleitores menos instruídos têm melhores resultados nas pesquisas de boca de urna, nas quais os erros de votação não são computados, do que nas eleições. No Rio de Janeiro, os participantes das mesas de apuração confirmam que o número de votos nulos por erro chega a ser muito grande nas áreas de mais baixo nível educacional. Historicamente, Brizola tem sido muito prejudicado pelo erro eleitoral.

O outro momento no qual os erros de pesquisas aparecem é quando duas ou mais pesquisas são feitas no mesmo tempo e lugar. A oportunidade de aparecer com certa frequência nas semanas imediatamente anteriores às eleições. Não é incomum encontrarmos desvios na previsão da votação de candidatos individuais de 10% ou mais e somatórios dos desvios de todos os candidatos da ordem de 30% a 40%. Nesses casos, fica claro que as duas pesquisas não podem ser corretas.

Para aprimorar a leitura dos resultados das pesquisas é fundamental ver qual o peso dos eleitores que ainda não têm opinião, dos que não sabem, dos que não respondem ou que declaram que não votarão em ninguém, e os que declaram que votarão por políticos que não são candidatos daquele nível (por exemplo, os que disseram que votariam em Lula para governador quando Lula era candidato a presidente). Antes das eleições, esta percentagem é muito alta.

Além disso, nem as preferências expressas são imutáveis. Os eleitores que expressam uma preferência podem ser divididos em quatro grupos, de acordo com a facilidade com que mudam de preferência e com a direção da mudança. O grupo que oferece melhores previsões é o que fecha com candidato ou partido e não abre. Infelizmente ele é minoria. Abaixo deste, há um grupo que pode migrar para outro candidato de orientação semelhante (como aconteceu em 1989, de Brizola para Lula), mas dificilmente migraria para um candidato de ori-

entação antagonista. O terceiro grupo muda, com frequência semelhante, mas pode mudar para candidatos de orientação bem diferente. Finalmente, o quarto grupo - infelizmente numeroso - muda com frequência e muda em qualquer direção.

Nas eleições executivas observa-se o fenômeno do funil, no qual um número crescente de eleitores deserta os candidatos com menos chances, buscando valorizar o seu voto. Alguns chamam esse processo de "voto útil". Os principais candidatos engrossam as suas fileiras com eleitores que desertam os candidatos que eles consideram sem chance de vitória. Como o total de votos que abandonam candidatos secundários é alto e pode mudar o resultado da eleição, é muito importante saber a quem eles beneficiam. O "negativo", ou taxa global de rejeição, é uma aproximação para saber quem se beneficia desses votos, mas não é a melhor. Nas eleições polarizadas, a rejeição que os que preferem um candidato têm pelo opositor é muito alta, o que confere a este opositor uma taxa de rejeição alta.

As previsões eleitorais feitas no Brasil com muitos meses de antecedência têm uma utilidade muito baixa

Não obstante, ambos podem crescer bastante à custa dos votos de terceiros candidatos. Interessa saber qual a rejeição que os

que preferiam os terceiros candidatos tem pelos candidatos principais. A introdução da pergunta "se fulano não fosse candidato em quem o senhor votaria?" é uma aproximação melhor e permite estimar a quem beneficiarão os votos dos candidatos abandonados pelos seus eleitores.

Assim, por estas razões e muitas outras, as previsões eleitorais feitas no Brasil com muitos meses de antecipação têm uma utilidade muito baixa, quase nula. Elas indicam muito pouco a respeito de qual será o resultado das eleições.

Alguns exemplos bastarão para demonstrar isso: quais eram as previsões, com antecipação semelhante, em relação às eleições de 1989 (aquelas nas que Collor foi eleito)? Em dois de outubro de 1988, 13 meses antes das eleições, de acordo com o IBOPE, Sílvia Santos liderava as previsões eleitorais com ampla margem sobre os demais candidatos. Sílvia Santos recebia 28% das preferências seguido por Brizola com 10% e Quéricia a seguir. Collor, que foi eleito para presidente, vinha em quarto lugar e Lula, que foi o segundo mais votado, figurava num apagado sétimo lugar, com 4% das preferências. Dois meses mais tarde, em 04.12.1988, a Folha anunciava que o páreo estava entre Brizola e Sílvia Santos, ficando Lula num pálido terceiro. Fernando

Collor não era levado a sério pelos entrevistados pelo Datafolha. Nas respostas espontâneas, apenas 1% preferia Fernando Collor de Mello, que terminou sendo eleito.

Não foi erro do Datafolha, foi erro de leitura: os que não sabiam em quem iam votar, ou que achavam que votariam em branco, ou que preferiam outros nomes, representavam dois terços dos entrevistados. As pesquisas realizadas em dezembro, onze meses antes das eleições, também levaram a previsões erradas.

Nas eleições seguintes houve erros semelhantes: perguntem o que estava acontecendo, nesta época do ano, em 1993, antes das últimas eleições? Na pergunta espontânea, Cristovam Buarque estava com 1% das intenções de voto! Um por cento! E terminou eleito governador. Na pergunta estimulada, Maurício Corrêa estava disparado na frente, com 36%, seguido por Maria de Lourdes Abadia, com 22% Cristovam dividia um longínquo terceiro lugar com José Roberto Arruda, entre 7% e 8% (pesquisa do insuspeito Datafolha, publicada em 19 de setembro de 1993). Três meses mais tarde, em dezembro, a Soma Opinião e Mercado anunciava os resultados de sua pesquisa eleitoral, que colocava Maurício Corrêa na frente, seguido por Campello, com Abadia em terceiro e Augusto Carvalho em quarto. Cristovam simplesmente não figurava entre os mais votados.

No plano presidencial, novo erro, desta vez na direção da esquerda: em 29 de setembro de 1993, Lula tinha 27% das preferências, o dobro de Sarney e Maluf, que lutavam pela segunda colocação. Em quarto lugar, Brizola. E FHC? Quem??? Fernando Henrique Cardoso, o presidente do Brasil, hoje o político mais conhecido do país, não aparecia entre os favoritos (Jornal da Tarde, 30.09.1993). Lula, Maluf, Sarney e Brizola. Estes eram os candidatos a serem levados a sério, concordavam os prestigiosos Ibope, Datafolha e Vox Populi.

Isto demonstra a futilidade de previsões eleitorais com mais de um ano de antecipação. Roriz poderá ser eleito com a margem anunciada, com margem ainda maior, com margem menor, ou poderá perder com qualquer margem. Fernando Henrique Cardoso tem uma âncora eleitoral no Plano Real e poderá flutuar com ele. Aprendamos com a experiência: Cristovam Buarque é o governador do Distrito Federal e Fernando Henrique Cardoso é o presidente do Brasil e, não obstante, nesta época, nas eleições passadas, nenhum dos dois era visto como candidato sério pelas pesquisas eleitorais.

* Professor titular da UnB